

## PROVÍNCIA DE INHAMBANE COMÍCIO DE NOVA MAMBONE, DISTRITO DE GOVURO – 29 DE MAIO DE 2007

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Inhambane hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Inhambane hoye!*

*(Hoye!)*

*Distrito do Govuro hoye!*

*(Hoye!)*

*Distrito do Govuro hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo de Mambone hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo de Mambone hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo de Mambone hoye!*

*(Hoye!)*

*Muito bom dia! (Bom dia!)*

Eu gostaria primeiro de saudar a população de Govuro. Queria saudar pelo grande esforço que tem feito, que tem conseguido, que tem levado a vencer adversidades, mantendo sempre o seu espírito de luta forte. Com efeito a população de Govuro sofreu há pouco tempo o ciclone Fávio que produziu muitos estragos. Mas mesmo assim encontramos tudo a começar a ser reconstruído, reabilitado e vida a voltar ao normal. Isto é devido ao vosso espírito forte; a vossa capacidade de vencer adversidades. Queria assim saudar em primeiro lugar a população de Nova Mambone, de Govuro, por este espírito.

Queria também agradecer pela forma muito entusiástica, muito carinhosa como nos receberam. Desde que chegamos a Nova Mambone que sentimo-nos muito bem tratados a ponto de até termos tambores todo o tempo a ajudar-nos a embalar a nossa visita. Mas também temos outras actividades culturais: essas danças enérgicas que mostram o espírito guerreiro de gente invencível que hoje ainda luta para construir a sua pátria. Muito obrigado! **(Palmas)**

Quero também agradecer pelas ofertas que aqui nos apresentaram. Uma oferta é uma oferta. A gente dá aquilo que muitas vezes também quer ter, mas por causa do amor, por causa da simpatia, preferimos ficar sem essa coisa e entregamos a outro. Isso mostra o espírito de solidariedade dos moçambicanos. O espírito de poder dar a outro, para o outro não poder sofrer ou para sofrer menos.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Muito obrigado pela vossa solidariedade! **(Palmas)**

Em relação a comida, nós vamos tomar essa oferta como uma maneira da população de Govuro apoiar aqueles que são necessitados. Nós temos órfãos, criancinhas que não têm pai, não têm mãe. Os pais morreram por causa de SIDA ou por qualquer outra razão. Mas são criancinhas moçambicanas que não têm pai, não têm mãe, e que o país procurou arranjar um tecto onde elas viverem. Mas as vezes lá não há comida suficiente. As vezes lá não há carne. Nós vamos pegar uma parte da nossa oferta para dar a estes nossos filhinhos. Sabemos que não vai matar toda a fome que as crianças têm. Porque a fome existe hoje e aparece amanhã e depois de amanhã. Todos os dias há fome. Mas isto vai pelo menos ajudar a resolver a fome de um dia.

Ainda a vossa oferta vai ser dada a aqueles moçambicanos, à aquela população que são doentes de SIDA. Como sabem, SIDA enfraquece e é preciso encontrar formas de dar forças a pessoa para poder resistir e aguentar com o tratamento que é dado. Uma parte dessa comida será entregue aos doentes em tratamento, doentes do SIDA.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Solidariedade moçambicana hoye!*

*(Hoye!)*

*Solidariedade moçambicana hoye!*

*(Hoye!)*

Eu não tenho muita coisa para vos dizer. Somente uma preocupação muito forte dentro de mim e eu gostava de partilhar convosco. E depois de eu partilhar convosco essa minha preocupação, também eu espero que vocês vão partilhar comigo a vossa preocupação, que pode vir em forma de dizer que **“eu tenho uma preocupação”**; pode vir em forma de conselhos para permitir que nós andemos com mais segurança nesta batalha contra a pobreza, como disseram na vossa mensagem aqui **“para fazer com que a pobreza passe no mais curto espaço de tempo a História”**. A pobreza deve passar a História, para a História. E quando passa para a História a gente vai dizer **“naqueles tempos quando havia a pobreza”** nós já sermos pobres. Aliás, assim como mesmo agora dizemos **“naqueles tempos quando havia colonialismo”**. Mas o colonialismo já foi. Passou a História. Somos independentes. Somos nós que decidimos o que nós queremos fazer. O colonialismo passou, já não volta. Está na História. Só nos lembramos dele para saber por onde é que este maravilhoso povo moçambicano passou ao longo dos tempos. Como também falamos da História quando falamos da guerra. Dissemos que houve guerra aqui em Moçambique, mas essa guerra já acabou. Os moçambicanos abraçaram-se e disseram que **“nós temos um destino comum. Vamos lá desenvolver o nosso país. Vamos acabar com a guerra”**. E a guerra acabou. Passou para a História. E os moçambicanos abraçam-se todos, trabalhando, reforçando a sua unidade para que essa guerra nunca mais volte. Esteja na História lá enterrada para sempre. E os moçambicanos possam continuar a viver em paz. Passamos então a nossa reflexão de como é que podemos fazer a pobreza passar para a História também. Passar para História e ficar lá longe e nós lembrarmos dela como uma coisa que já passou. Mas antes de ouvir os vossos conselhos, eu gostaria de apresentar-vos os dirigentes que estão acompanhando, que estão me acompanhando nesta visita.

(seguem-se as apresentações)

O nosso objectivo comum, o nosso objectivo comum nós todos moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, é acabar com a pobreza. No passado também tivemos objectivos comuns, aquilo que todos os moçambicanos queriam. No momento, o objectivo comum era tornarmos independentes. Acabarmos com a dominação estrangeira. E como nós todos moçambicanos queríamos isso e nós moçambicanos estávamos prontos para trabalhar para alcançar esse objectivo, então foi possível acabarmos com a dominação estrangeira e os moçambicanos tomarem o seu país nas suas próprias mãos. E os moçambicanos definirem o que querem fazer da sua História. Estarem em posição de direcção.

Mais tarde, houve guerra no país, mas todos os moçambicanos queriam a paz. Como todos queriam a paz, então foi possível todos trabalharem para alcançar a paz. E o resultado é que alcançamos a paz. A guerra acabou. Os moçambicanos estão hoje independentes e os moçambicanos estão hoje em paz. No passado recente portanto, está claro que todos os moçambicanos quando querem a mesma coisa e trabalham para alcançar essa coisa conseguem. Agora, aquilo que nós queremos hoje todos nós moçambicanos é acabar com a pobreza. E nós todos sabemos que trabalhando juntos podemos chegar lá. Podemos atingir este nosso objectivo porque a pobreza tem a ver com carência, com falta de coisas básicas da vida. Ou, no caso de essas coisas existirem não temos em quantidade suficiente ou em qualidade suficiente!

É pobreza ter fome. Faltar comida é pobreza. Ou não ter comida suficiente é pobreza. Ou não ter aquela comida que alimenta de facto o corpo – o organismo – é pobreza. Faltar cama é pobreza. Faltar água é pobreza. Água limpa, água potável, é pobreza.

Faltar estrada é pobreza, porque temos dificuldade de ir de um ponto para outro. Ou porque a estrada não há, não está lá ou porque a estrada está em mau estado. Faltar escola é pobreza. Ou não ter escola do nível necessário é pobreza. Porque a pobreza ensina a aqueles que lá vão, quais são as conquistas da humanidade e é um meio que pode ser utilizado na luta contra a pobreza.

Não ter apoio na área da saúde, também é pobreza: a pessoa quando está doente precisa de ser tratada, precisa de cuidados médicos. Se não tem esses cuidados médicos ou se os tem não estão em quantidade suficiente ou qualidade suficiente é sinal de pobreza. Não ter emprego é pobreza, porque quem não trabalha não produz. Não come aquilo que ele próprio produz, mesmo que seja um adulto. Isso é sinal de pobreza.

Eu dei exemplos de algumas coisas que mostram o estado de pobreza: não ter ou tendo não ter em quantidade suficiente; ou tendo, não ter em qualidade suficiente. Isso é pobreza! Nós todos moçambicanos somos pobres, desde o Rovuma até ao Maputo somos pobres. É verdade que há alguns moçambicanos que têm uma casa bonita, que têm um carro bonito e podem pensar que são ricos por isso. De facto não são nada ricos. Eles têm alguma coisa a mais. Mas, eles têm também limitações: aquela escola que eles gostariam de ter eles não tem porque está longe; Aquele hospital que eles gostariam de ter eles não têm porque está longe; mesmo dinheiro eles não têm, faltalhes; ou então ainda, na sua família, as pessoas próximas nem todos eles têm casa bonita e têm carro; ele quando vai visitar os pais não encontra fartura; ele quando vai visitar os amigos não encontra fartura. Encontra pessoas que têm carências. E ele sozinho ou mais duas pessoas da família é que têm tudo aquilo que eles querem. Isso é pobreza. Ser rico sozinho é igual a pobreza, porque todos os pobres olham, querem ter e está tudo nas mãos de um! Está tudo nas mãos de dois! A luta que nós estamos a fazer é para que a pobreza saia das nossas casas. Saia das nossas cidades. Saia das nossas aldeias, para toda a gente ter aquilo que é básico e mais para acabar com a pobreza.

Mas para nós fazermos esta luta contra a pobreza, nós precisamos de acreditar. Temos que acreditar que podemos fazer. Acreditar que vamos vencer. E para acreditar, não é muito difícil. Só basta olhar para Moçambique um pouco atrás: Moçambique há trinta anos e Moçambique de hoje. Podemos ver que as coisas foram mudando! E quem mudou as coisas, quem fez maravilhas neste país; quem fez maravilhas neste país, são moçambicanos. É o povo moçambicano. Não havia escolas nos distritos. Não havia muitas escolas secundárias nos distritos e nós hoje temos muitos distritos com escolas secundárias. Há muitos distritos que agora estão a pedir 12<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classes. Mas naquele tempo não havia isso. Para estar na escola secundária, e a escola secundária começava na actual 5<sup>a</sup> classe. 5<sup>a</sup> classe, 6<sup>a</sup> classe era escola secundária. Para entrar para a escola secundária tinha que ir para a sede. Não havia no distrito. Mas hoje no distrito temos EP1, EPC. Temos ensino secundário em muitos distritos e agora estamos a lutar para ter o ensino médio nos distritos. Isto tudo foi feito por moçambicanos.

Aqui havia muitos lugares onde não havia hospitais. Não havia maternidades. E hoje temos muitas maternidades. Mas podem dizer que não são suficientes. É por isso que dizemos que somos pobres. É por isso que dizemos que somos pobres. Temos, mas aquilo que temos não é suficiente é quantidade. Não é suficiente é qualidade. Então, temos que trabalhar para ter essa quantidade e essa qualidade necessária. Por isso, meus irmãos, a pobreza está no nosso país. Mas o vosso governo, o vosso povo, o nosso povo, nós que estamos aqui, já fizemos maravilhas, porque já fizemos muitas coisas no caminho para liquidar a pobreza. Naquele tempo só havia uma universidade em Moçambique. Com a proclamação da Independência só havia uma, uma, uma universidade em Moçambique! Do Rovuma ao Maputo só tinha uma universidade em Moçambique. Proclamamos a Independência e hoje temos muitas universidades! Em todas as províncias há universidades e ensino superior. Este é um caminho para combater a pobreza, para dominar a luta contra a pobreza.

Estudar é importante. Estudar é importante. Aquilo que se aprende na escola permite ver aquilo que não se vê com olhos normais. É na escola onde se aprende. Consegue-se ver que onde há moscas é sinal de que temos qualquer coisa que está suja. Consegue-se ver que a mosca transporta doença com ela. É preciso liquidar as moscas e também vamos diminuir dores de barriga. Isso aprende-se na escola. Aprende-se na escola. A escola permite aprender coisas impressionantes. Nós tivemos há quanto tempo o Fávio? O ciclone Fávio?

Quando o ciclone vinha já se sabia que há-de vir. Sabia-se por onde ele vai passar, para onde é que ele vai. Sabia-se. Porque aquele que estudou naquela área vê coisas que nós não vemos: vê uma nuvem sabe o que é que aquela nuvem traz; sente calor, sabe o que é que aquele calor traz; sente frio, sabe o que é que aquele frio traz. É a escola que transmite isso. A escola transmite muitas maravilhas: aqui onde estamos, aqui onde estamos há muitas vozes que a gente não ouve. Que a gente não ouve. Mas estão a falar aqui muitas vozes e nós não estamos a ouvir. Aqui onde estamos há muitas imagens, uns a jogar futebol; outros a dançar; outros a correr; outros a cantar; estão aqui onde nós estamos mas nós não estamos a ver. Mas a escola permite que a gente possa ver isso. A escola fez o rádio e o rádio quando a gente abre, aqui onde nós estamos, começamos a ouvir vozes. Começamos a ouvir canções. Sem o rádio não é possível. Essas vozes vem de muito longe: vem da Beira; vem de Maputo; vem de Pemba; vem de Lichinga; vem da Europa; vem da Ásia. Estão aqui. O rádio é que permite que essas vozes possam vir até aqui. É a escola é que fez isso. Ou então, se tivermos televisor – ligarmos televisor aqui – vamos ver gente a correr; gente a dançar aqui mesmo onde estamos. Televisão – é produzido pela escola. Essa escola... a escola é o lugar onde as pessoas aprendem para poder dominar as leis da natureza e utilizá-las em benefício da sociedade.

Eu dei esses exemplos para dizer que foi feita muita maravilha pelos moçambicanos: temos escola; temos hospitais; temos energia; temos telefone, mas ainda não chega. Ainda não chega: ou porque é muito caro ou porque nem toda a gente pode ter. Ainda não chega. É isto que falta entre os quais nós dizemos que o nosso objectivo é acabar com a pobreza. Então, o Governo de Moçambique decidiu que um dos caminhos para acabar com a pobreza tem que ser o seguinte:

Um: tomar o distrito como o centro. O distrito é o centro. É o lugar onde batalhamos para acabar com a pobreza, isto é, para ter mais escola; para ter mais água; para ter mais hospital; para ter mais energia; para ter mais telefone; para ter mais estrada; para ter mais fábricas; para ter mais machambas. É o distrito o nosso centro. O distrito é que é o centro onde planeamos e onde investimos para permitir que haja desenvolvimento. Quando no distrito o desenvolvimento existir, o país todo vai sair da pobreza. Se no distrito não houver desenvolvimento não é possível acabar com a pobreza. Então, o Governo decidiu que o distrito é o ponto de partida.

Em segundo lugar, o Governo decidiu que para podermos ter o instrumento de combate a pobreza é preciso termos os conselhos consultivos. Os conselhos consultivos são a chave. Porquê? Porque o conselho consultivo é composto por pessoas que saem das aldeias, que vivem nas aldeias: quando há falta de água, eles também sentem a falta de água; quando não há hospital eles também sentem que não há energia; quando há falta de energia, eles também sentem a falta de energia; quando não há escola, eles também sentem que não há escola; e tem a confiança das pessoas. E eles vão e reúnem-se. E na reunião eles dizem quais são os nossos problemas – aqueles problemas que eles vivem na aldeia – e depois estudam como resolver esses problemas. Como definir qual é a prioridade, porque problemas há muitos, mas nós temos que saber qual é o primeiro problema a resolver. Não podemos resolver todos os problemas ao mesmo tempo. Qual é o primeiro problema a resolver; qual é o segundo problema a resolver. Se tem um bocadinho de dinheiro tem que escolher se vai fazer hospital ou se vai fazer escola; se vai fazer estrada ou se vai fazer casa. O Conselho Consultivo é que faz isto. Ou se vai buscar água. O Conselho Consultivo é que faz isso. Por isso, o distrito é o centro e o instrumento é o Conselho Consultivo Distrital.

E o Governo decidiu entregar sete milhões. Sete milhões para o distrito, para o Conselho Consultivo poder ajudar a resolver os problemas do distrito. E definiu claramente, esses sete milhões são para resolver duas coisas. Duas coisas. Uma coisa: emprego. Emprego. Há muitos jovens nossos e não só, que não têm emprego. Tem idade de trabalhar mas não têm onde trabalhar. Os sete milhões são para resolver o problema de emprego, um deles.

A segunda coisa, os sete milhões são para resolver o problema de aumentar comida. Produzir mais comida. Portanto, se nós temos os sete milhões são para resolver o problema de emprego, aumentar emprego e problema de aumentar a produção de comida. Se nós produzirmos mais comida, a comida vai ser mais barata e então as pessoas não terão dificuldade de comprar comida. E a pobreza vai reduzir muito. Se nós estivermos empregados, nós vamos com dinheiro comprar comida e outras coisas. Sete milhões para aumentar emprego e aumentar a comida.

Então, o problema é de como é que se faz isso? Como é que se faz isso? Como é que se aumenta a comida? Como é que se aumenta emprego? Então, para isso é preciso que haja mais pessoas que sabem fazer, ou que pensam que sabem fazer mais comida ou mais emprego, mas que precisam do dinheiro para poder fazer isso. Por exemplo, alguém tem machamba. Machamba pequena. Ele sabe que se fizer machamba maior,

pode produzir mais comida. Mas, para produzir machamba maior tem que ter junta com charrua e ele não tem dinheiro para comprar junta com charrua. E vai pedir. E é ele que pede ali no Conselho Consultivo: **“eu quero produzir mais comida. E para eu produzir mais comida preciso de junta com as alfaias. Não tenho dinheiro”**.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

E então procura-se saber se essa pessoa ou essa associação é séria, se é honesta ou não. Sabem que há pessoas que recebem dinheiro para ir fazer uma coisa, mas quando o dinheiro está com ele sozinho vai para barraca ou vai passear. E não faz aquilo que se esperava do dinheiro. Tem que saber se a pessoa é séria ou não. Ou se a associação é séria ou não. Mas, como essa pessoa vive aqui no distrito, e é conhecido no distrito, os membros do Conselho Consultivo hão-de conhecer: esta pessoa é séria; ou essa associação é séria, podemos dar o dinheiro. Então, no Conselho Consultivo tem que haver uma decisão escrita que diz **“foi dado tanto dinheiro a associação tal para produzir mais comida – pode ser arroz, pode ser milho – mas também para empregar mais jovens”**. Com este dinheiro esta empresa ou esta associação ou esta pessoa há-de devolver. Não é dinheiro que é dado. Dinheiro não se dá. Comida pode dar. Bebida dão muito até. Mas dinheiro não se dá. Não se dá dinheiro. É preciso devolver. Não se dá dinheiro porquê? Esse dinheiro é dos nossos impostos. Nós pagamos imposto para desenvolvimento, para produzir neste caso mais comida e para dar mais emprego aos nossos filhos. Então, tem que devolver. E temos que ter a certeza que devolve. Ter a certeza de quando é que eles devolvem. E também porque depois de devolver vai se emprestar a outro que quer fazer a mesma coisa e vai empregar mais sete pessoas. Num certo período vamos ter 10, 20, 30 pessoas empregadas. O número que vai restar pode ser grande, mas vai diminuindo desta maneira para que haja mais emprego, para que haja mais comida. Quando falo de comida, pode ser comida agricultura, pode ser comida peixe. Mas tem que ser aquela pessoa que nós acreditamos que vai fazer isso.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

O vosso governo decidiu que como maneira de lutar contra a pobreza é preciso:

Um: a luta ser feita no distrito;

Dois: o Conselho Consultivo trabalhar;

Três: o Conselho Consultivo ter sete milhões;

Quatro: esses sete milhões são para comida e? e?

Então, as pessoas sabem que há dinheiro e pedem. E depois, para devolver a fim de o dinheiro ir para outra pessoa ou outra associação para fazer a mesma coisa. Estes são os caminhos de luta contra a pobreza que nós escolhemos e que nós acreditamos que vai dar resultado. Acreditamos que vai dar resultado. No ano passado, com aquele

dinheiro construíram-se edifícios e fizeram-se outras coisas. Não é errado, mas não era esse o objectivo do dinheiro. Essas outras coisas têm outra maneira de construir, de se arranjar. O dinheiro é para emprego e comida.

Bom, eu estive até agora a falar sozinho. Estava a vos apresentar a minha preocupação, mas eu gostaria de conhecer a vossa preocupação. Como aconselhar-nos a chegarmos lá onde nós queremos chegar. Porque se chegar uma pessoa sozinha lá e acabar a pobreza sozinho, não acabou nenhum, pelo contrário até cria ódio. É preciso que cheguemos todos em onda para acabar a pobreza no país. E a pobreza vai acabar, com a unidade dos moçambicanos e com o trabalho dos moçambicanos. Nós também um dia diremos **“naqueles tempos quando éramos pobres”**, assim como hoje dizemos **“naqueles tempos quando éramos colonizados”** ou **“naqueles tempos quando havia guerra”**. Isso tudo já passou. Passamos todos, moçambicanos, passar para a História, a pobreza.

Eu quero pedir oito cidadãos para virem para aqui aconselhar-nos.

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

## COMÍCIO DE MORRUMBENE – 30 DE MAIO DE 2007

*Moçambique hoje!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoje!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!*

*(Hoye!)*

*Província de Inhambane hoje!*

*(Hoye!)*

*Província de Inhambane hoje!*

*(Hoye!)*

*Morrumbene hoje!*

*(Hoye!)*

*Morrumbene hoje!*

*(Hoye!)*

*Morrumbene hoje!*

*(Hoye!)*

*Morrumbene hoje!*

*(Hoye!)*

*Muito bom dia! (Bom dia! Palmas)*

Logo que chegamos aqui vimos a nossa cultura viva, muito alegre, falando de nós povo moçambicano, pessoas que amam a sua pátria. Pessoas que constroem o seu país. Vimos essa cultura naqueles que vieram aqui dançar e cantar. E aquilo que de facto ensinaram foi de que Moçambique unido do Rovuma ao Maputo é grande. Que Moçambique, do Rovuma ao Maputo – Morrumbene incluído – quer acabar com a pobreza. Que Moçambique do Rovuma ao Maputo, quer a paz. Por isso, eu queria manifestar o meu apreço por esta manifestação aqui apresentada.

Quero também manifestar o meu apreço pela forma entusiástica como fomos recebidos ontem aqui em Morrumbene! **(Palmas)**

Nós víamos por todo o lado alegria. Víamos por todo o lado Unidade. E isto é o que o nosso país pretende. Estar unido, mas também sacudir para bem longe de si a pobreza. Quero agradecer as ofertas que acabaram de apresentar. São ofertas que representam um sacrifício, mas sobretudo demonstram de forma indiscutível a amizade. Quem oferece alguma coisa com amizade, oferece aquilo que ele próprio gostaria de continuar a ter, mas por esta amizade, por esta solidariedade decide entregar a outrem. É uma forma de mostrar a solidariedade. É uma forma de mostrar a generosidade do nosso povo. Aliás, vimos em circunstâncias diferentes esta população de Morrumbene, a corajosa e generosa população de Morrumbene, a tirar aquilo que tinha para oferecer aqueles que precisavam vítimas do Fávio. Compreenderam que não podiam sentir-se felizes havendo irmãos seus a sofrer aqui em Vilanculos, em Inhassoro, em Govuro, em Machanga, no Búzi e noutras partes do nosso país. E foram capazes de tirar também alguma coisa para oferecer.

Muito obrigado moçambicanos! Muito obrigado Morrumbene! **(Palmas)**

Eu tenho uma mensagem que gostaria de transmitir. Uma mensagem que para mim é muito importante. E que eu penso que depois dela, poderei também receber as vossas mensagens. E acho que as mensagens vossas também são importantes, porque um país para se construir precisa das mensagens uns dos outros. Precisamos de transmitirmo-nos as ideias uns aos outros para depois em conjunto, transformando as várias mensagens, podemos construir o nosso belo país. E neste caso concreto hoje, quando falamos de construção do país, estamos a falar de combater a pobreza. Estamos a dizer que queremos acabar com a pobreza. Mais do que isso, estamos a dizer que vamos acabar com a pobreza! Devemos ter a certeza. Se nós não termos certeza, não havemos de fazer nada. Quem planta um coqueiro, ele tem certeza que o coqueiro vai nascer. Quem planta uma árvore, tem certeza que a árvore vai crescer. É por isso que depois de plantar ou de semear, rega. E as vezes, arranja alguma coisa para proteger contra os cabritos. É porque tem certeza que vai acontecer. Nós também estamos a plantar. Estamos a plantar a ideia e a convicção de que a pobreza nesta República, a pobreza de Moçambique vai acabar. E somos nós moçambicanos que havemos de acabar com a pobreza. Não é ninguém de fora. Os de fora podem nos ajudar e felizmente tem-nos ajudado. Mas quem vai empurrar a pobreza para atirá-la para o meio do oceano, somos nós moçambicanos. Nós donos desta terra. Nós que sofremos. Nós que não queremos continuar a sofrer. Nós que queremos construir um país em que os moçambicanos não tenham fome, em que os moçambicanos não sejam pobres.

Mas antes de eu apresentar a minha mensagem, vou apresentar-vos os companheiros que estão comigo, que são dirigentes ao nível central, que se preocupam também por acabar a pobreza.

(seguem-se as apresentações)

Nós quando queremos fazer um combate para sairmos vitoriosos, temos que definir claramente como é que queremos fazer, porque se não fizermos isso não havemos de ganhar. Não havemos de vencer. Assim foi no caso de Moçambique no passado. Tivemos muitas lutas mas não conseguíamos vencer o inimigo. E não vencíamos o inimigo porque não compreendíamos bem e nem explorávamos bem as nossas vantagens. E as vezes mesmo, éramos conduzidos pelo inimigo. Eu estou a referir-me ao período da Luta Armada de Libertação Nacional, ou melhor, antes de iniciarmos a Luta Armada de Libertação Nacional. Nós moçambicanos, cada um do seu lado, lutávamos contra o colonialismo português. Mas como cada um lutava por si, não compreendíamos que os outros moçambicanos queriam a mesma coisa, não vencemos. Perdemos. Até que ficamos claros de como é que nós devemos conseguir vencer o colonialismo. Este é o mérito... é o mérito de Eduardo Chivambo Mondlane, que estudou aqui também em Cambine onde fez maravilhas. Ele foi capaz de compreender que para podermos ser bem sucedidos era preciso que todos moçambicanos, unidos, lutassem contra o colonialismo.

Naquele tempo nós pensávamos que o facto de falarmos línguas diferentes; ou de sermos de raças diferentes; ou residirmos em lugares diferentes, pensávamos que isso era problema, isso dificultava a nossa comunicação. Mas Eduardo Mondlane compreendeu e ensinou que essas línguas diferentes todas; essas regiões diferentes onde nós vivemos; esses conhecimentos diferentes que nós temos, não são alguma coisa de negativo. Pelo contrário, é alguma coisa que nos dava mais força porque colocava o moçambicano numa situação de conhecer mais línguas; numa situação de conhecer várias tradições; numa situação de conhecer várias danças. Mas mais do que isso, ter isso como seu: essas diferenças todas serem seu património! Ver uma dança de outra região e considerar que é nossa dança, porque nós somos todos moçambicanos e utilizando isso para combater o inimigo comum para alcançar um objectivo comum. Assim Mondlane disse: **“as diferenças entre nós quando usadas para o mesmo objectivo, são uma fonte de força. Tornam-nos invencíveis. Tornam-nos imbatíveis. Por isso, vamos nos juntar todos para podermos fazer aquilo que nós queremos”**. Aliás, nós vemos também na vida, na vida prática: as coisas belas são constituídas por coisas diferentes. Se nós queremos ouvir uma boa música; se nós queremos ouvir um bom coro, havemos de ver muitas diferenças e quando se juntam sai bonito: havemos de ver homens, havemos de ver mulheres no mesmo grupo. Uns a cantar de uma certa maneira e outros a cantar de outra maneira, e quando se juntam as diferenças para alcançar o seu objectivo, que é agradar o ouvido, então de facto o ouvido fica agradado. Podemos ver também nas orquestras: uns a tocar guitarra, outros a tocar tambor e outros a tocar... como é que se chama aquilo? **(Risos, Palmas)**

Como é que se chama? **(É Chiquissi!)** Chiquissi? **(Sim! Palmas)**

Por isso essa diferença junta é que permite que o **wunanga** saia bem! **(Palmas)**

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Esta descoberta foi feita por Mondlane. E ele trabalhou para mostrar que era verdade. E esta descoberta é que fez com que nós, em treze anos pudéssemos derrubar o colonialismo. Porque compreendemos onde é que estava a nossa força e usamos com vantagem essas diferenças para alcançar o nosso objectivo comum que era a Independência de Moçambique. Eu podia dar outro exemplo, mas não vou dar todos exemplos. Eu vou somente dizer mais uma coisa sobre isso. Agora também estamos perante um inimigo comum, perigoso, que andou a comer-nos desde os nossos avós:

a maltratar-nos; a não permitir que a nossa dignidade fosse respeitada. É o inimigo comum. Nós todos queremos vencer este inimigo para podermos ser feitos; para podermos afirmarmo-nos; para poder andar com a cabeça erguida onde quer que seja, com orgulho de nós mesmos. É a pobreza.

Os nossos avós nasceram e morreram pobres. Os nossos pais nasceram e morreram pobres. Nós nascemos e somos pobres. Mas Moçambique, com terra tão boa; Moçambique, com tantas árvores, tantos coqueiros, o mar, o rio;

Moçambique, sobretudo com gente tão trabalhadora; com gente que sabe fazer coisas: vão para África do Sul: quem é que entra debaixo da terra e tira ouro, não são moçambicanos?

Vão para Zimbabwe: quem trabalha naquelas machambas? Não são moçambicanos? Gente que sabe trabalhar!

Quem levanta prémios? Não são moçambicanos? Mesmo assim somos pobres. Mesmo assim somos pobres. Nós temos que mudar a situação. Nós estamos a mudar a situação. Mas temos que continuar a mudar a situação, para que a pobreza passe para a História. A pobreza passe para a História. Irmãos, eu estou a insistir nesse ponto porque não é possível acabar com a pobreza se nós não estivermos convencidos. A pobreza deve passar para a História, assim como aqui nesta República o colonialismo passou para a História.

Quando nós nos sentamos e conversamos sobretudo com os mais novos, nós dizemos: **“sabe, naquele tempo nesta terra quem mandava eram estrangeiros”**. Naquele tempo! Naquele tempo! Já passou! Já passou! **(Palmas)**

Passou para a História!

Também dizemos, quando falamos com os mais novos: **“naquele tempo aqui não se podia andar: mesmo na escola; mesmo no hospital; para sair de um ponto para outro; para ir para Maxixe aqui, ou então para ir a Vilanculos era preciso coluna; não podia andar de qualquer”**, mas já passou! Passou para a História! Agora podemos ir sem ter que andar de coluna. Os moçambicanos é que empurraram. Nós que estamos aqui é que empurramos. Usamos a nossa força para empurrar o colonialismo até entrar lá nas profundezas dos oceanos. Empurramos a violência, a guerra para ir para lá nas profundezas dos oceanos.

Agora também vamos trabalhar para que possamos dizer **“naqueles tempos quando nós éramos pobres! Naqueles tempos quando nós éramos pobres!”**. E diremos nesta altura **“a pobreza acabou!”**.

Há pessoas que ainda têm dificuldades de aceitarem isso. E porque é que têm dificuldades? É que não observam com atenção aquilo que se passa. Vêm tudo parado. Não vêem as diferenças. Aqueles de nós, que somos um pouco mais velho, quando olhamos para o país vemos coisas hoje que nós não víamos no passado. Não podíamos pensar em ver no passado. Por exemplo, escola: chegar a um distrito encontrar escola secundária! Os mais velhos: havia isso? Havia isso? **(Não!)**

Hoje estive num lugar aí em Massarique. Passamos por um lugar. Escola! As crianças agora andam na 5ª classe. Naquele tempo não era possível isso. As escolas que existiam eram escolas missionárias que iam até terceira classe rudimentar. Terceira classe rudimentar sabem o que é? **(Não!)**

Primeira parte. Primeira classe. Segunda parte. A gente passa. E depois de primeira parte se passa de primeira parte passa segunda parte.... . E depois disso vai-se a terceira classe rudimentar. Só depois disso, se tem sorte é que pode ir estudar na terceira classe elementar. E depois disso a quarta classe. Era assim que se fazia. Eu passei por isso: Primeira parte. Primeira classe. Segunda classe. Terceira rudimentar. Terceira elementar. E diziam que fazia-se isso, o colonialismo, porque nós os pretos não tínhamos inteligência. Então, tinham que nos preparar para fazer em seis anos aquilo que os outros faziam em quatro anos. Mas nós trouxemos a dignidade. Não descriminamos as pessoas atrasadas. Nós valorizamos o trabalho das pessoas. E hoje nós encontramos num distrito... qual é a classe que está mais? Sétima classe? Em Morrumbene? **(Décima classe!)**

Décima classe! Décima segunda! Em Cambine? **(Aqui também, a noite!)**

Aqui também? **(Sim!)**

E agora querem abrir outra de décima segunda!? Eu conheço colegas que tiveram que sair de Nampula quando acabaram a décima classe, para ir para Maputo para poder estudar na décima primeira. Não havia. Não havia, só estudava-se até décima classe na maior parte das capitais. Décima primeira classe era Maputo – Lourenço Marques – e Beira, e mais tarde Nampula. Eu estou a dizer isso para dizer que temos que ver que há diferenças, que há coisas que há hoje, que são melhores, que não havia no passado. Há coisas que há hoje que não havia no passado. Eu posso dar outro exemplo, telefone celular. Hoje existe em grande parte do nosso país. Naquele tempo nem se podia pensar. Até telefone fixo não havia em todo o lado. Quando nós queríamos falar de Morrumbene para Maputo, era preciso preparar bem a voz, até o vizinho sabia o que é que se estava a dizer: **“aqui em casa a criança é que está doente...”** para a voz chegar até lá. **(Palmas)**

Agora, hoje a pessoa fala assim muito baixinho. Fala com Maputo; fala com Beira; fala com Nampula; fala com Pretória; fala com América; fala com Portugal; fala com Ásia... normalmente. Esses são instrumentos de combate contra a pobreza e foram criados por nós. Por nós moçambicanos. Naturalmente vamos dizer assim: ainda não acabou a pobreza! Ainda há lugares onde não há energia eléctrica. Ainda há pessoas que não têm telefone. Ainda há pessoas que não têm casas como deve ser. Ainda há pessoas que não têm escola. Há pessoas que ainda não têm universidade. É verdade. É por isso mesmo, que o nosso objectivo é combater a pobreza. A pobreza vai permitir – uma vez fora – que nós tenhamos acesso a essas coisas todas. É por isso mesmo que como uma das nossas estratégias decidimos que devemos considerar o distrito como ponto de partida. Como ponto de planificação para poder vencer a pobreza. Não é na cidade. É no distrito. Esta é a estratégia do Governo. É a estratégia da Frelimo. Para combatermos a pobreza é preciso partirmos do distrito, isto é, irmos resolvendo os problemas do distrito na área da escola; na área do hospital; na área do telefone; na área de energia; na área da estrada, etc. etc. ou da água. Isto é que vai resolver o problema da pobreza no país. O distrito como ponto central.

A segunda coisa é preciso que no distrito funcione bem o Conselho Consultivo. O Conselho Consultivo Distrital. Porque o Conselho Consultivo Distrital tem pessoas que vem de todo o lado do distrito: vem dos postos administrativos; vem das localidades; vem das povoações... Por isso, eles quando se reúnem, eles apresentam os problemas dos locais de onde eles vêm. E eles juntos então decidem quais são as prioridades; quais são os primeiros problemas a resolver. Porque quando nós temos coragem de dizer neste momento o nosso problema.... temos muito problemas, mas para poder resolver

o nosso problema vamos lá começar por um problema e depois de resolver esse problema vamos resolver outro problema. Quando nós conseguirmos fazer isto, então vamos avançar mais rapidamente nesta luta contra a pobreza. O Conselho Consultivo pode fazer isso. O Conselho Consultivo sabe qual é a dificuldade que nós temos na agricultura: onde é preciso enxada; onde é preciso tractor; onde é preciso junta para utilizar com charrua. O Conselho Consultivo sabe onde é que estão os produtos que ninguém vai comprar: seja milho, seja coco, seja fruta – como nos disseram aqui querem fábrica para transformar a fruta. O Conselho Consultivo sabe isso. Portanto, o ponto de partida é no distrito. O instrumento é o Conselho Consultivo.

E para o Conselho Consultivo poder acelerar o processo o Governo dá sete milhões. Sete milhões. Sete milhões é muito dinheiro para uma pessoa, ou para duas pessoas, ou para dez pessoas. Mas sete milhões é muito pouco dinheiro para o distrito. Mas é dinheiro suficiente para dar o salto que nós queremos para poder permitir resolver os nossos problemas. Por isso, os sete milhões têm duas tarefas. Duas tarefas: Uma, aumentar a produção da comida. Aumentar a produção da comida. A outra, criar emprego. Nós temos os nossos jovens que estão em idade de trabalhar e muitos deles não têm lugar para trabalhar. Os sete milhões são também para aumentar o emprego. Mas como eu disse, os sete milhões é muito mas não é tanto assim. Por isso, não podem resolver todos os problemas para a produção de mais comida e geração de emprego de uma só vez. Não pode fazer isso. É por isso mesmo é que está definido como é que as pessoas podem ter acesso aos sete milhões. Como é que as pessoas devem ter acesso aos sete milhões. Sete milhões não é só porque sabe produzir vamos dar a ele. Não é isso. Os sete milhões são para aquelas pessoas que dizem eu sou capaz de fazer alguma coisa. Ou associações que dizem **“eu sou capaz de fazer alguma coisa”**. Por exemplo, uma associação vê que tem um terreno mas não consegue cultivar, porque os sócios são poucos e com enxada não cultiva grande parte daquele terreno. Então vai pedir, vai requerer ao Conselho Consultivo para poder ter dinheiro para comprar gado para poder ter dinheiro para poder ter charrua; para poder ter dinheiro para comprar mais semente; para poder ter dinheiro para comprar adubo, se for necessário. Então faz o pedido. É uma associação, é um indivíduo que quer fazer isso. E quando faz o pedido, deve dizer claramente que quer aqueles recursos para produzir comida. E deve dizer o mínimo que ele vai produzir a mais. E deve dizer que para produzir essa comida, eu vou precisar de ter mais gente a trabalhar comigo. Vou empregar dez jovens ou cinco jovens para trabalhar comigo. E depois mais: **“eu vou devolver esse dinheiro. Eu vou devolver esse dinheiro”**. **Vou pagar dentro de seis meses. Ou vou pagar dentro de doze meses.** Ele é que tem que pedir, ele não pode receber, oferecido. Ele é que tem que pedir que ele quer fazer esse trabalho. E então o Conselho Consultivo reúne-se. Reúne-se e vê os nomes das pessoas e das organizações que querem trabalhar. Alguém dentre eles vai conhecer essa pessoa, porque eles vem de todo o lado. E depois, vão ver se são pessoas sérias ou não. Se não são pessoas que vão pegar no dinheiro e vai para as barracas. Ou então, vai pegar no dinheiro e começa a viajar. Ou vai pegar no dinheiro e compra carro... Tem que ser gente que vai fazer aquilo que diz que vai fazer. E o Conselho Consultivo pode até controlar para ver se estão a fazer aquilo que disseram que vão fazer. E se o Conselho Consultivo concordar, então faz-se uma resolução em que diz que fulano de tal pediu tanto dinheiro para aumentar a produção de arroz onde vai empregar mais pessoas, pelo menos tantos jovens e ele devolver o dinheiro daqui a seis meses. E então o dinheiro é entregue a pessoa. Não se entrega todo o dinheiro. É preciso entregar por formas que o Conselho Consultivo vai encontrar, para ter a certeza que aquele dinheiro é usado para aquele propósito. E o dinheiro é devolvido mais tarde. E quando é devolvido, o mesmo dinheiro é entregue a outra associação ou

a outra pessoa que está a produzir que também devolve. E quando devolve é entregue a outra pessoa. Assim, temos aquele dinheiro num lugar a empregar mais cinco jovens; daqui a um ano a empregar mais dez jovens, e depois a empregar mais dez jovens e assim vamos resolvendo o nosso problema de emprego.

Eu falei de uma área, mas podia falar da pesca. Podia falar da construção. Podia falar de outras coisas: de reparação, para poder fazer pintura de edifícios. O importante é que aquela pessoa ou aquela associação que quer fazer este programa tem que produzir mais emprego e tem que produzir mais comida.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Esta é maneira que nós vemos que pode ajudar a contribuir na luta contra a pobreza. Mas como vêem isso só pode ser bem conseguido se o Conselho Consultivo assumir a sua responsabilidade. Os membros do Conselho Consultivo quando saem de uma reunião têm que voltar para casa lá e fazer reunião com a população da sua zona e explicar: **“no Conselho Consultivo tratamos deste assunto: decidimos dar 100 mil contos a Associação das Bananeiras e eles vão pagar daqui a tanto tempo. Vão empregar tantas pessoas”**. Em todo o distrito, todas as pessoas devem ter o relatório do trabalho do Conselho Consultivo. Isso quer dizer que tem que ser transparente o seu trabalho, como o vidro. A gente vê do outro lado. O vidro não pintado, naturalmente, para a gente ser capaz de ver do outro lado. O nosso maravilhoso povo aqui no distrito deve poder acompanhar como estão sendo utilizados os sete milhões. E a maneira de poder acompanhar é através do membro do Conselho Consultivo que informa as populações lá onde elas vivem.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Morrumbene hoye!*

*(Hoye!)*

Vamos combater a pobreza! Vamos continuar a combater a pobreza! Nós vamos acabar com a pobreza. A pobreza vai passar para a História. Mas para passar para a História, nós todos temos que trabalhar. Temos que acreditar de que podemos vencer. Tal como acreditamos e vencemos o colonialismo. Tal como acreditamos e acabou a guerra e temos a paz. Também devemos acreditar que a pobreza vai passar para a História, mas com o nosso trabalho. Com o nosso trabalho. É claro que esse trabalho não é simples. Há obstáculos que dificultam. Nós temos que sentarmos e estudarmos como remover esses obstáculos e continuarmos a avançar.

Posto isto, eu queria dar a palavra a oito cidadãos para nos ajudar a ver como é que podemos chegar lá: que obstáculos nós temos? Como vencermos os nossos obstáculos? Mas tudo só pode acontecer com sucesso se nós todos estivermos unidos. Todos moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, marcharmos todos até chegarmos um dia em que empurrarmos a pobreza. E a pobreza desaparece! E nós então passarmos a dizer: **“naqueles tempos quando éramos pobres!”**.

Muito obrigado! **(Palmas)**

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

*Moçambique hoje!*

*(Hoje!)*

*Morrumbene hoje!*

*(Hoje!)*

Muito obrigado pelas vossas contribuições. De facto, aquilo que aqui disseram reflecte são grandes contribuições para a nossa luta comum:

Aqui falou-se da necessidade de escola secundária. Nós aqui já temos duas escolas secundárias;

Aqui falou-se da rede eléctrica que limita, que atrasa a construção da universidade – o ensino superior em Cambine;

Aqui pedem a fábrica de processamento da fruta; e ouvimos também apoio à governação;

Aqui também agradece-se por aquilo que foi construído, que é apoio a governação: água, estrada, etc. a construção de postos médicos, de saúde, no interior;

Aqui também colocaram-se alguns problemas: por enquanto para acelerar-se a colocação de electricidade de Cahora Bassa assim como de um banco para poder recolher-se as poupanças;

E aqui também se falou da situação do tribunal das mulheres – que não compreendi muito bem. Mas vou compreender, não há problemas, porque os meus conselheiros estiveram a recolher mais dados das pessoas que aqui falaram e que quando houver alguma coisa que não esteja claro. Eu penso que todas as questões que puseram aqui são questões para o desenvolvimento. Algumas não podem ser satisfeitas hoje. Algumas talvez possam ser satisfeitas, como a energia que está a vir, e que vai permitir que realmente em Cambine nós possamos ter ensino superior, e não só, mas também vai permitir que as fábricas possam operar.

Isso tudo entra dentro do nosso objectivo. Mostra que afinal de contas há muitos que activamente estão a combater a pobreza. E nós vimos hoje que para combatermos a pobreza temos que ir buscar a nossa unidade. E temos que acreditar. Temos que acreditar que a pobreza vai acabar. Que a pobreza, tal como o colonialismo já no passado e a guerra, há-de passar também para a História. E quem vai empurrar para a História somos nós que estamos aqui. E nós que estamos entre o Rovuma e o Maputo. E que também para o combate com sucesso contra a pobreza, nós devemos partir do distrito. E no distrito utilizarmos como chave o Conselho Consultivo Distrital. Conselho Distrital, Conselho Consultivo que tem sete milhões. Sete milhões que devem ser utilizados para aumentar a produção de alimentação e também para arranjar emprego e que devem ser entregues como crédito a aqueles indivíduos ou associações que vão fazer esse trabalho e que merecem a confiança do Conselho Consultivo. E que depois vão devolver o dinheiro; e que os membros do Conselho Consultivo devem informar sempre as decisões do Conselho Consultivo as zonas de onde eles vêm.

*Moçambique hoje!*

*(Hoje!)*

*Morrumbene hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Cultura moçambicana hoye!*

*(Hoye!)*

*Muito obrigado! (Palmas)*

## COMÍCIO DE MABOTE – 2008

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Inhambane hoye!*

*(Hoye!)*

*Mabote hoye!*

*(Hoye!)*

*Mabote hoye!*

*(Hoye!)*

*Mabote hoye!*

*(Hoye!)*

*Mabote hoye!*

*(Hoye! Palmas)*

*(...) A mazumana amunawu?*

**Amu dzimanga**

**A nfpula ayi kone?<sup>3</sup>**

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Eu queria primeiro saudar a população de Mabote. E através da população de Mabote neste momento, saudar a população da província de Inhambane. Desde que nós aqui chegamos sentimos aquele vigor típico que se manifesta nas danças e nas mensagens. Desde as criancinhas até aos adultos, mostraram o seu vigor e a sua força e, sobretudo a sua determinação em fazer do nosso país um país cada vez melhor, em fazer a nossa pobreza uma coisa que vai acabar. Por isso, quero agradecer.

---

<sup>3</sup> Não tem amendoim?

Não cultivaram?

Não há chuva?

Quero agradecer também a oração que foi feita aqui pelo Pastor. É sempre bom saber que a oração também apóia o nosso trabalho e a oração exactamente é para nos dar mais força interior e então resistirmos mesmo perante grandes dificuldades para que nós todos em Moçambique avançarmos até acabarmos com o nosso grande inimigo. E o nosso inimigo é a pobreza.

Quero ainda agradecer as ofertas que aqui apresentaram, a oferta é oferta. É uma coisa que a gente precisa, mas que dá ao outro. Muito obrigado por este vosso gesto, de dar ao outro aquilo que vocês também precisam. Eu vou vos pedir uma coisa, que eu não fique com tudo isto, não posso acabar. Todos os cabritos, eu acabar comer sozinho não é possível. Tudo aquilo que eu encontrei eu acabar sozinho não é possível. Mesmo com a minha família não é possível. Vocês deram-me muita coisa, mostraram muito amor, queria pedir-vos um favor, eu pegar nisto que vocês deram uma parte, particularmente aquela parte que se come, eu em vosso nome, entregar aqueles que necessitam aqui na nossa província.

Há moçambicanos que não tem nem um pouco, há criancinhas nossas que perderam os pais, vamos pegar uma parte ir dar a elas, pelo menos vão ter uma refeição; há pessoas adultas que estão doentes e essas pessoas que estão doentes muitas vezes não têm força para trabalhar, os medicamentos que eles recebem não têm efeito necessário porque tem fome. Eu ia tirar uma parte daquilo que me deram também para dar pelo menos uma refeição.

Também temos filhos nossos nos lares da educação que estão a estudar e que nem sempre tem comida suficiente podíamos também dar uma parte da comida para pelo menos terem uma refeição boa. Não sei se concordam? **Ma fpumela?**<sup>4</sup> **(Sim!)**

**Khanimambo! Kanimambo swinene! Kanimambo ngofpu!**<sup>5</sup>

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Quando mandaram pessoas, mandaram comida e mandaram um pouco de roupa para as populações em Mambone, e as populações também do vizinho Machanga, e também as populações do rio Zambeze, e também quando houve ciclone aqui em Vilanculos aqui, e ali também em Inhassoro. Isto mostra que os moçambicanos estão próximos um do outro. Quando um moçambicano sofre o outro moçambicano sofre também; quando um moçambicano está satisfeito o outro moçambicano se sente satisfeito. Muito obrigado moçambicanos!

Eu não vou falar muito, o meu objectivo principal é aprender de vós, é ouvir de vós, ouvir os vossos conselhos, ouvir o que é que acham que devemos fazer para acabar mais depressa a pobreza? Nós sabemos que a pobreza não acaba num dia, nem acaba num ano, mas nós precisamos mesmo assim de acelerar o nosso passo de acabarmos com a pobreza. E acelerarmos o passo quando fazemos uma Escola Secundária; aceleramos o passo quando cavamos e sai água; aceleramos o passo quando arranjam um emprego, mas as vezes há dificuldades, muitas vezes há dificuldades.

<sup>4</sup> Aceitam?

<sup>5</sup> Obrigado. Muito obrigado. Muito obrigado.

Por isso, quero ouvir o vosso conselho. Essa será a última coisa que vou fazer. Mas também eu vou vos dizer algumas das minhas preocupações e antes de dizer algumas das minhas preocupações vou vos apresentar as pessoas que me acompanham.

Moçambique é um país que tem muitos países amigos, um país que tem representação nesses países amigos, um país que quer continuar a desenvolver a amizade com esses outros amigos. Esses países também têm representação em Moçambique e desta vez escolhemos trazer dois representantes, infelizmente não foi possível trazer outro representante de África, mas noutras lugares já aconteceu isso, aqui também vai acontecer. Trazemos aqui conosco o representante de um país amigo, a Rússia. Ouviram falar da Rússia? Ouviram falar da União Soviética não é? Já não é União Soviética, agora é a Rússia, é um país muito amigo de Moçambique. Que apoiou muito Moçambique desde a Luta de Libertação Nacional, e que agora está a trabalhar com os moçambicanos na luta contra a pobreza. Somos de acreditar que de facto um dia a pobreza vai acabar. Eu sei que é difícil acreditar nisso hoje porque ainda no nosso país existe muita pobreza mas nós devemos fazer esforço para compreender que para um mal deixar de existir, nós os moçambicanos devemos combater contra esse mal.

Felizmente nós temos sorte, nós já tivemos males no nosso país, coisas más no nosso país e que nós próprios moçambicanos acabamos com elas. Na nossa história, nos últimos 50 anos nós conseguimos vencer muitos males. Bastou nós acreditarmos que temos força, temos força para acabar com esses males, mas também bastou nós compreendermos que para acabarmos com esses males precisamos todos de estar muito unidos como irmãos, como irmãos do Rovuma ao Maputo, precisamos de estar juntos. Se nós conseguirmos estar unidos então vamos vencer aconteça o que acontecer de mal.

Esta foi a lição que nos ensinou Eduardo Mondlane, o primeiro Presidente da Frelimo. Ele compreendeu que a razão porque a dominação estrangeira continuava no país era porque os moçambicanos lutando contra o colonialismo não lutavam, não o faziam unidos. Estavam divididos, não se conheciam, ouviam histórias contadas pelo colonialismo, e essas histórias todas eram para aprofundar a divisão entre nós. Eduardo Mondlane ensinou-nos, vamos falar uns com os outros, vamos trabalhar uns com os outros e vamos todos combater o inimigo comum. E isso fez com que... nós ficamos unidos porque acreditamos que a dominação estrangeira podia acabar em treze anos os moçambicanos avançaram para bem longe com a dominação estrangeira, o colonialismo.

A unidade é muito importante, a unidade de propósito também é muito importante. Isto fez com que acabasse a dominação estrangeira no nosso país. Aqueles que são mais velhos sabem perfeitamente que era difícil acreditar naqueles tempos de que o colonialismo podia acabar. Era difícil acreditar que a palmatória havia de acabar; era difícil acreditar de que o trabalho forçado havia de acabar; era difícil acreditar de que os moçambicanos vão tomar o poder, mas porque acreditaram nas palavras do Mondlane, porque acreditaram na força da unidade, em treze anos o colonialismo foi se embora. E nós conseguimos passar a dominar e controlarmos o nosso país.

A unidade, portanto, é importante acreditar na nossa força. Neste nosso país nós tivemos a situação da guerra, não podíamos andar, a estrada daqui para Vilanculos, daqui para Inhassoro ou daqui para o Save era preciso andarmos em coluna; aqui para podermos trazer abastecimento aqui em Mabote era preciso vir de avião, aviãozinho pequeno, e esse avião não aterrava aqui, tinha que andar a espiar e aterrar muito depressa. Muitos riscos que isso significava. Havia guerra. As pessoas morriam, as escolas deixaram de

funcionar, machambas desapareceram, os hospitais deixaram de funcionar, mas de novo, a unidade e ao acreditarmos que a guerra pode acabar e a unidade sobretudo, dos moçambicanos fez com que a guerra acabasse e que se instalasse no nosso país a paz. A paz como uma oportunidade de desenvolvimento dos moçambicanos.

É por isso mesmo que nós gostaríamos de insistir, precisamos de acreditar, precisamos de estar unidos do Rovuma ao Maputo, do Indico ao Zumbo para podermos vencer aqueles males que existem no país. E neste momento nós temos um mal a frente que é a pobreza.

### **A wusweti! Aku fpumala<sup>6</sup>**

A falta das coisas básicas, não ter escola é pobreza, não ter hospital é pobreza, não ter água é pobreza, não ter transporte é pobreza, não ter telefone é pobreza, não ter eletricidade é pobreza. A pobreza é isso tudo, não ter trabalho é pobreza, não ter comida é pobreza, nós temos que acabar com a pobreza. É verdade que o Governo, o vosso governo tem vindo a fazer muito nessa luta contra a pobreza, aumentou escolas, aumentou hospitais, aumentou água, aumentou emprego, aumentou a possibilidade de produzir mais comida, mas ainda não é suficiente, ainda há pessoas que não tem o suficiente e há pessoas que mesmo não tem nada, há pessoas que não tem telefone, há pessoas que não tem energia, eletricidade; há pessoas porque vivem muito longe não têm escolas, é pobreza essa. A nossa preocupação é exactamente ver ou pegar nesses recursos e fazer para mais gente no nosso país.

É fazer com que a pobreza vai desaparecendo cada vez mais. E nós estamos conscientes que para fazer isto, tudo depende da nossa fé do nosso acreditar, tudo depende do nosso trabalho. E que para isso resultar temos que estar cada vez mais unidos; temos que trabalhar juntos, temos que trazer opiniões nossas juntarmos tudo numa panela tal como a mamã pega na água põe na panela, pega no sal trás comida, mistura ali dentro enquanto pós a lenha lá em baixo, faz muitas coisas para poder sair boa comida. Para sair muito boa solução, para termos bons resultados, precisamos de trazer vários ingredientes, várias maneiras de pensar juntar, aproveitar aquilo que nós todos consideramos que é bom e avançarmos na nossa luta contra a pobreza.

Assim, o Governo além de estar sempre a ouvir a opinião da população, a opinião do nosso povo, e exactamente por causa disso tomou medidas concretas de luta contra a pobreza. Além daquelas outras medidas de ter escolas, de ter hospitais que já vem desde já há muito tempo. Uma das medidas é Revolução Verde. Esta terra é terra muito seca, por isso quando falamos de Revolução Verde as pessoas podem dizer Revolução Verde aqui para quê? É exactamente por isso que é preciso Revolução Verde, de vez em quando chove e a água vai lá para a terra, a outra corre para o rio, vai até ao Save, entra no Save e depois vai e fica no Save e pronto acabou. Mas passa por aqui essa água. Essa água passa por aqui é essa água que alimenta o cajueiro, é essa água que nós bebemos, muito pouco, mas é essa água que nós bebemos, mas nós deixamos passar. A Revolução Verde chama a nossa atenção para domesticar a água, para controlar a água, é por isso que devemos todos ter caleiras para quando chove a água não cair de qualquer maneira. Devemos ter cisterna, e essa cisterna vai permitir acumular a água e vamos ter água para beber boa. É por isso somos chamados a fazer sementeiras que conseguem ser tratadas se não na situação de seca.

---

<sup>6</sup> Pobreza. Não ter nada.

Por exemplo, o amendoim, por exemplo, a mandioca são coisas que crescem mesmo quando está seco. Então podemos aproveitar fazer isso em qualquer momento.

Moçambique hoje!

*(Hoye!)*

Eu penso que na Revolução Verde há uma resposta para podermos aumentar a produção de comida, é uma estratégia adoptada pelo Governo.

A outra ainda também são os sete milhões. Os sete milhões também são instrumentos que podem ajudar a resolver os problemas. Os sete milhões não podem caber para toda a gente, mas os sete milhões permitem que aqueles que são reconhecidos como trabalhadores, aquelas pessoas que se dedicam na produção de comida. Permitem aumentar a produção da comida e também permitem a esse processo, aumentar o emprego, aumentar para os nossos jovens terem possibilidade de poder empregar-se.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Mabote hoye!*

*(Hoye!)*

Eu penso que nós devíamos todos dar a nossa contribuição com idéias e com trabalho de como podemos avançar mais depressa na luta contra a pobreza. É por isso que vamos pedir agora 10 cidadãos para virem aqui nos aconselhar.

O governo tem garantido, tem prometido e tem cumprido. Ouvimos que há falta de carro da polícia, um carro que existia, mas que já não está, vimos também o problema dos sete milhões, vimos também que Mabote está mudar e foram dados vários exemplos no Hospital, medico, juiz, mas disseram que falta electricidade e que falta de cadeia. Disseram ainda que falta o Banco, porque os mabotences têm dinheiro mas não sabem onde vão guardar. Pediram ainda que os sete milhões tenham mais, principalmente o dinheiro dos sete milhões... falaram da necessidade de alcatroar a estrada e informaram que a água ainda falta, falaram da distribuição dos sete milhões e falaram do emprego. De que existem projectos mas que nem todos os projectos estão a empregar devidamente as pessoas daqui onde ocorre o projecto. Falaram da necessidade de melhorar as represas e até propuseram que houvesse um rio artificial.

Aqui eu esqueci-me de perguntar, mas eu penso que os meus conselheiros vão perguntar onde é que se iria buscar água e como havia de se fazer? Falou-se do Rádio Comunitária como projecto para a divulgação das leis, falaram ainda das dificuldades burocráticas para a pensão quando um moçambicano perde a vida; falaram da necessidade de os fiscais trabalharem seriamente quando se constrói uma estrada. Disseram ainda que há problemas de pagamento pelos serviços prestados, por exemplo em certas empresas, e insistiram que é preciso que as pessoas de Mabote também sejam empregadas quando há projectos aqui. Insistiram também na necessidade de cadeia.

Agora há uma questão que foi falada sobre a qual eu queria comentar. Os sete milhões são para que? São para beneficiar quem?

A razão de aparecer os sete milhões tem a ver com a nossa pobreza, a nossa pobreza manifesta-se de várias maneiras. Uma maneira é falta de comida, a outra maneira é falta de emprego. Então, os sete milhões procuram responder a estas duas questões. É por isso que eles são de um lado para aumentar a produção da comida e por outro lado

para aumentar a oferta do emprego. Isto tudo apoiando os outros caminhos e as outras estratégias que também tem a ver com a luta contra a pobreza. É por isso que temos que ter muito cuidado na escolha de quem é que deve receber os sete milhões. Temos que ter certeza que aquele que recebe os sete milhões ou a associação que recebe os sete milhões vai fazer esses dois trabalhos. Vai aumentar a comida e vai empregar às pessoas. Se não faz isso então o propósito dos sete milhões não está lá.

Os sete milhões não são para distribuir.

Ahi yaku phakela, imbewu, imbewu. Loku u bjala, loku u bjalile, loku Yi huma e sinyu. Imbewu<sup>7</sup>. Por isso, temos que entregar aquele que sabe tratar da semente porque a semente, por exemplo, de coco ou semente do cajú, põe-se uma e sai uma árvore.

Ahiswone?<sup>8</sup>

Põe-se uma e sai uma árvore. Então essa árvore vai alimentar muita gente, vai empregar muita gente, mas também tem que ter certeza que esta árvore devolve semente, aquela semente que encontrou. Por isso os sete milhões dá-se àquelas organizações que sabemos que vão aumentar comida ou então que nós sabemos que vão aumentar emprego. E que depois vão devolver o dinheiro, o dinheiro vai voltar. Imbewu!<sup>9</sup>

Para poder dar a outros, a outra organização para semear. Aqui não é problema de quem tem gado quem não tem gado? O problema que há, qual é a organização que é capaz de aumentar comida, que é capaz de produzir blocos e ao mesmo tempo dar emprego as pessoas e depois devolver. Não é para as pessoas que recebem matar a sua fome só, acabar a sua pobreza só, é para acabar com a sua pobreza e com a pobreza também dos outros. E esses outros são esses nossos e jovens e são outras pessoas que vivem aqui que trabalham aqui, mas que não tem emprego ou que tem fome. É esta a base do nosso trabalho.

Por isso, os sete milhões estão para projectos. Projectos para aumentar comida, projectos para aumentar a oferta de emprego, mas projectos que depois vai pagar, vai devolver o dinheiro para podermos utilizar essa semente para outros projectos.

*Moçambique hoye!*

*(hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(hoye!)*

Não se pode acabar a pobreza de uma vez, temos que acabar pouco para até na escola, não é toda a gente que vai a escola de uma vez, não estão todos na primeira classe, não são todos na sétima classe, uns entram hoje, amanhã entram outros; uns estão na terceira, amanhã estão na quarta até acabar o problema que lhe levou a ir a Escola.

Muito obrigado! **(Palmas)**

<sup>7</sup> Não é para distribuir, é semente. Quando semear, depois de semear, quando germina é uma árvore. É Semente.

<sup>8</sup> Não é isso?

<sup>9</sup> É semente.